



**Centro Universitário de Brasília
Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento - ICPD**

ELLANA RODRIGUES DE AMORIM

**A RELAÇÃO ENTRE O NARCISISMO E A REALIDADE VIRTUAL
SEGUNDO FREUD E LACAN**

Brasília
2013

ELLANA RODRIGUES DE AMORIM

**A RELAÇÃO ENTRE O NARCISISMO E A REALIDADE VIRTUAL
SEGUNDO FREUD E LACAN**

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Teoria Psicanalítica

Orientadora: Joselita Rodrigues Rodovalho

Brasília
2013

ELLANA RODRIGUES DE AMORIM

**A RELAÇÃO ENTRE O NARCISISMO E A REALIDADE VIRTUAL
SEGUNDO FREUD E LACAN**

Trabalho apresentado ao Centro
Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD)
como pré-requisito para a obtenção de
Certificado de Conclusão de Curso de
Pós-graduação *Lato Sensu* em Teoria
Psicanalítica

Orientadora: Prof. Joselita Rodrigues
Rodvalho

Brasília, 17 de dezembro de 2013.

Banca Examinadora

Prof. Gilson Ciarallo

Prof. Ana Velia Vélez de Sánchez Osella

Queen - Bohemian Rhapsody

*Is this the real life?
Is this just fantasy?
Caught in a landslide
No escape from reality*

RESUMO

Partindo da ideia de que a internet alterou a forma com a qual as pessoas sociabilizam, o presente estudo objetivou compreender a dinâmica psíquica de um indivíduo que opta por investir libidinalmente em uma imagem virtual, ao invés de investir em sua própria imagem. Para tanto, optou-se por utilizar os conceitos de Freud e Lacan, especialmente o de narcisismo. À priori observou-se que a realidade virtual não se trata de um lugar onde as pessoas demonstram características diferenciadas do que usualmente apresenta, mas trata-se de um lugar de facilidades. Assim, fez-se necessário discutir o conceito de realidade para a psicanálise, o qual nos permitiu observar que o conceito de realidade material não nos é importante, pois ela é inapreensível a partir do momento que apreendemos o sentido. A maneira como o indivíduo se apresenta está relacionada ao desenvolvimento do Eu explicado pelo narcisismo em Freud e estágio do espelho em Lacan. O narcisismo e o estágio do espelho nos permitem compreender que só é possível ao indivíduo o desenvolvimento do Eu através do Outro, assim como nos explicam como esta relação inicial será responsável pela maneira com a qual o indivíduo se relacionará com as outras pessoas. Deste modo, na realidade virtual as pessoas buscariam retornar a um período do narcisismo, no qual havia a sensação de completude. Por fim, pelas facilidades da realidade virtual, observou-se que ela possibilita aos indivíduos a reconstrução da sua imagem com o objetivo de alcançar o reconhecimento do Outro.

Palavras-chave: Virtual. Realidade. Narcisismo. Estágio do espelho.

ABSTRACT

Starting from the idea that the internet has changed the way in which people socialize, the present study is aimed to understand the psychological dynamics of an individual who chooses to invest libidinally in a virtual image, instead of investing in his own image. Therefore, we chose to use the concepts of Freud and Lacan, especially narcissism. In the beginning, it was observed that virtual reality is not a place where people show different characteristics than usually presented, but it is a place of ease. Thus, it was necessary to discuss the concept of reality in psychoanalysis, which allowed us to observe that the concept of material reality is not important because it is elusive from the moment that we grasp the meaning. The way the individual performs is related to the development of the self, explained by narcissism in Freud and Lacan's mirror stage. Narcissism and the mirror stage allow us to understand that the development of the Self is only possible through the Other, and will explain too how this initial relationship will be responsible for the manner in which the individual will be related to other people. Thus, on virtual reality people seek to return to a narcissistic period, which had a feeling of completeness. Finally, because of the features of virtual reality, it was observed that it enables individuals to rebuild their images in order to achieve recognition of the Other.

Key words: Virtual. Reality. Narcissism. Mirror stage.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
1 A VIRTUALIZAÇÃO DAS RELAÇÕES	09
1.1 A realidade para a psicanálise	12
2 O IMAGINÁRIO NAS RELAÇÕES VIRTUAIS	23
2.1 A constituição do Eu – Narcisismo e Estádio do Espelho	23
2.1.1 <i>Narcisismo em Freud</i>	23
2.1.2 <i>Estádio do Espelho em Lacan</i>	27
2.2 O narcisismo nas relações virtuais	32
CONCLUSÃO	38
REFERÊNCIAS	41

INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, observa-se uma grande mudança na forma com a qual as pessoas sociabilizam. Os limites impostos pela necessidade de um corpo presente não são mais impeditivos ao ato de se relacionar. Segundo Gevertz (2009), a realidade virtual possibilitou que novas formas de pensar e de conviver fossem elaboradas.

Neste sentido, as relações humanas precisam ser estudadas sob um novo prisma. Precisa-se observar como as pessoas têm utilizado as novas ferramentas que lhes são fornecidas. Seria esta uma forma de comportamento extremamente nova ou as pessoas somente repetiriam as mesmas características demonstradas usualmente?

De acordo com Ferreira-Lemos (2011), a vida on-line apenas demonstraria diferentes facetas do que já somos. Os papéis que são vividos na vida cotidiana seriam repetidos na realidade virtual.

Como poderá ser constatado pelo estudo realizado, realmente a realidade virtual não traz novidades com relação aos padrões comportamentais das pessoas, entretanto, as facilidades oriundas da realidade virtual favorecem para que o que há nas pessoas seja demonstrado.

Desta forma, o presente estudo se propõe a compreender a dinâmica psíquica do indivíduo que opta por investir libidinalmente em uma imagem virtual, ao invés de investir em sua própria imagem.

Para estudar esta relação entre o indivíduo e a virtualidade, optou-se por utilizar os autores Freud e Lacan, pois ambos, ainda que não tenham vivenciado esta nova modalidade de interação social, nos forneceram inúmeros instrumentos

para a análise das relações humanas. No caso deste estudo em particular, a compreensão que ambos possuem sobre o desenvolvimento do Eu e sobre como se dá a relação entre o indivíduo, o outro e a realidade serão de suma importância para o entendimento da temática proposta.

Considera-se, enfim, que este estudo é de fundamental importância na conjuntura atual em que vivemos – sobretudo pelo fato de a internet ter se tornado uma parte imprescindível para a vida de algumas pessoas. Cada vez mais as pessoas têm acolhido a realidade virtual em suas vidas, passando, às vezes, a possuir mais importância do que o relacionamento proximal.

O presente trabalho foi então estruturado em dois capítulos. No primeiro capítulo – *A virtualização das relações* - propôs-se contextualizar como a realidade virtual tem sido utilizada pelas pessoas na atualidade, assim como foi esclarecido, com base na psicanálise, como se dá a relação entre o indivíduo e a realidade. No segundo capítulo – *O imaginário nas relações virtuais* - foi proporcionada uma análise sobre o desenvolvimento do Eu, tanto para Freud quanto para Lacan, e sobre como o Eu, sendo uma construção imaginária, dialoga com a realidade virtual.

1 A VIRTUALIZAÇÃO DAS RELAÇÕES

Não é de hoje que observamos mudanças nas formas com as quais as pessoas se sociabilizam. Tais mudanças vêm acontecendo com o decorrer do tempo e, cada uma delas, têm refletido diretamente na maneira com a qual a sociedade interage e se organiza. Dentre as principais destas, cabe destacar: o advento da escrita, depois o do telefone e após o da internet.

Cada uma à sua maneira, as mudanças exemplificadas possibilitaram que a interação social fosse se desprendendo da necessidade do contato físico, da presença de um corpo, e passasse ao que hoje consideramos uma relação virtual. Otero e Fucks (2012) consideram que, no atual momento histórico, a distância física entre um e outro não é mais uma pré-condição ao ato de se relacionar.

A internet, principal foco deste estudo, surgiu entre o final dos anos oitenta e início dos anos noventa envolta por promessas de inovações e facilidades (WRONSKI; BRAGA, 2012).

Como de costume ao desenvolvimento de novas tecnologias, o surgimento da internet provocou sentimentos ambíguos, por um lado as pessoas temiam e rechaçavam o desconhecido, por outro lado sentiam-se atraídas pelas novas formas de sociabilidade e comunicação (OTERO, 2011).

Por suas facilidades, a internet logo ganhou espaço e hoje pode ser considerada como indispensável à sociedade globalizada em que vivemos. Sua popularização alterou a forma de como ocorre a comunicação no mundo, possibilitando às pessoas novos modelos de relacionamentos interpessoais sem sair de casa (PEREIRA; COELHO, 2012).

Por sua utilização ser rapidamente disseminada e por seus efeitos serem percebidos conforme os discursos vão se apresentando, Wronski e Braga (2012) consideram que a internet ressignificou as noções de tempo, espaço e território.

Segundo Lanzarin (2000), um dos grandes motivos pelos quais a virtualidade foi popularizada tão facilmente está na possibilidade de anonimato. Ou seja, o olhar social que reconhece e amarra o indivíduo, ou, dito de outra forma, que castra o indivíduo, estaria mais flexível.

Desta forma, poderíamos pensar que a internet permite uma constante reinvenção de si, isto porque proporciona ao sujeito a possibilidade de expor partes de si que a realidade não aceita (OTERO, 2011).

Para Lévy (1995 [2011]), o virtual é um espaço para o sujeito pensar/repensar/construir sua identidade, impulsionando a atualidade e promovendo a realidade ou, dito de outra forma, propulsionando o sujeito a se atualizar e a repensar sua realidade. Lévy (1995 [2011], p.12), em seu texto *O que é virtual?* afirma:

(...)Trata-se, ao contrário, de um modo de ser fecundo e poderoso, que põe em jogo processos de criação, abre futuros, perfura poços de sentido sob a platitude da presença física imediata (...) quis também analisar e ilustrar um processo de transformação de um modo de ser num outro.

Apesar de concordar com o que Lévy pensa sobre o que é o virtual, podemos complementar que a realidade *per si* também permite aos indivíduos a atualização de suas identidades. Segundo Lanzarin (2000), o virtual é uma realidade, mesmo que de outra ordem.

Segundo Freud (1920 [1996]), a unidade do Eu perpassa todas as relações entre os sujeitos, sejam estas presenciais ou não. Desta forma, por mais que as amarras da castração não estejam firmes no ciberespaço, ainda estaríamos

lidando com os mesmos núcleos de Eu. Conforme Ferreira-Lemos (2011), a realidade virtual seria somente mais um espaço onde o sujeito replica os mesmos mecanismos inconscientes utilizados na realidade enquanto tal.

Assim sendo, ao invés de pensarmos que no ambiente virtual o sujeito deixa de ser quem ele é e se transforma em outra pessoa, passemos a considerar a internet como um espaço onde o sujeito tem mais facilidade para rever sua identidade e, por sua vez, seu eu.

Otero e Fucks (2012) discutem que as identificações sempre se formarão da mesma forma, não importando se é *on-line* ou *off-line*. Apesar de o Eu possuir um núcleo composto pelas identificações advindas dos complexos familiares, ele se desenvolve a partir de incessantes incorporações, não sendo uma entidade pronta e acabada. De acordo com Santaella (2007, p. 97 apud OTERO; FUCKS, 2012, p.204):

A novidade do ciberespaço não está na transformação de identidades previamente unas em múltiplas identidades, pois a identidade humana é, por natureza, múltipla. A novidade está, isso sim, em tornar essa verdade evidente e na possibilidade de encenar e brincar com essa verdade, jogar com ela até o limite último da transmutação, da metamorfose; enfim, da metamorfose identitária.

Esta metamorfose identitária, para Bauman (2004), evidencia as características de nossa sociedade líquida. Uma sociedade, na qual os valores, as relações e as identidades não estão mais presos aos preceitos patriarcais – estão mais fluidos; frouxos.

Para Bertolini et al. (2007), a sociedade era pai-orientada, regida por valores tradicionais. As pessoas se organizavam em volta da figura paterna e de seus representantes. Atualmente, os ideais paternos não conseguem mais acompanhar o número de transformações que estão ocorrendo em uma velocidade cada vez mais rápida, o que ocasiona uma queda destes ideais.

A prioridade da nossa sociedade, de acordo com Bauman (2004), estaria nos relacionamentos que podem ser feitos e desfeitos com facilidade. Sendo frequentemente relacionamentos que não envolvem nenhum contato, além do virtual.

Segundo Pereira e Coelho (2012), o virtual nos permite observar as pessoas em uma situação bastante paradoxal: ao mesmo tempo em que desejam ampliar seus relacionamentos, não se interessam em arcar com as consequências de se relacionarem. Para Turkle (2011), a tecnologia permite que as pessoas estejam em um relacionamento e também lhes concedem uma proteção ao relacionamento.

É possível dizer, desta maneira, que a internet tem facilitado com que as pessoas ampliem seus relacionamentos, o que não quer dizer que estes sejam profundos e tenham laços fortes.

Lago (2009) considera esta atitude das pessoas como um reflexo da tendência narcísica atual. Os sujeitos contemporâneos se relacionariam a partir de interesses particulares, em uma forma egocêntrica de obter prazer.

1.1 A realidade para a psicanálise

Como falado, o advento da internet possibilitou às pessoas novas formas de sociabilização. As relações, anteriormente limitadas ao contato físico, foram, aos poucos, deixando as amarras do corpo para trás. Deste modo, a realidade virtual se concretiza como mais um espaço de interação social, mas com os limites da realidade menos severos.

A possibilidade de se pensar em um indivíduo compulsivo por uma realidade virtual só é possível a partir do momento que se compreende o que podemos chamar de realidade. O que é a realidade? Como diferenciá-la do falso e do ilusório? No que a realidade virtual se diferencia da realidade como tal?

A realidade é um conceito amplamente discutido na psicanálise. Freud, dentre outras coisas, investigou como o sujeito se constitui, a partir do contato com a realidade; como o indivíduo percebe a realidade à sua volta; e como se dá a relação de cada estrutura com a realidade.

Nos textos de Freud, é possível perceber que o autor divide a realidade de duas formas: uma se trata da realidade material, exterior, histórica; a outra se trata da realidade psíquica, que é tão real para o sujeito quanto o que percebem os seus sentidos (AZZI, 2007).

Segundo Azzi (2007), Freud utiliza dois termos diferentes em alemão para designar a realidade: *realität* e *wirklichkeit*. O termo *realität* diz respeito à realidade psíquica, aquela que é regida pelo princípio do prazer e seu correlato princípio de realidade. Por *wirklichkeit*, podemos compreender a realidade externa – fora da representação. Esta última sendo considerada à priori como traumática, mas que aos poucos é “assimilada” ao funcionamento do sujeito como aquilo que aponta a verdade do sujeito e da qual ele não quer saber.

Em seu texto *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental* de 1911, Freud se propõe a discutir a forma como a humanidade em geral se relaciona com a realidade.

Para explicar esta relação, Freud (1911 [1996]) dissertará sobre o princípio do prazer e o princípio da realidade. Segundo o autor, inicialmente há o

predomínio do princípio do prazer, o qual pode ser considerado como o princípio mais primitivo do ser humano. Este princípio se esforça em alcançar o prazer e afastar-se do desprazer. Entretanto, outro princípio surge em contraposição – o princípio da realidade.

Freud (1911 [1996]) explica que o princípio da realidade é introduzido ao indivíduo após este vivenciar repetidos desapontamentos em alcançar a satisfação por meio de alucinações. Desta maneira, ele abandonará a tentativa de satisfação alucinatória e procurará lidar com a realidade, seja esta agradável ou não. Segundo Aiello-Vaisberg (1995), o surgimento do princípio da realidade implica em uma transformação do aparelho psíquico para o reconhecimento da existência da realidade exterior, o que, por sua vez, demonstra um início da capacidade do pensar.

De acordo com Freud (1911 [1996]), esta passagem do princípio do prazer para o princípio da realidade ocorre aos poucos. Conforme o princípio da realidade vai se desenvolvendo de acordo com as pulsões do Eu, as pulsões sexuais vão se desligando dele. Isto não quer dizer que o princípio do prazer deixará de existir. Na verdade, este processo se trata de uma proteção ao princípio do prazer, o qual, ao invés de um prazer momentâneo e incerto, optará por um prazer seguro.

Compreende-se, desta forma, que a exigência pulsional e a realidade encontrarão um meio termo. A pulsão conservará sua satisfação e, ao mesmo tempo, demonstrará o respeito necessário à realidade (FREUD, 1940 [1996]).

Conforme frisa Jorge (1952 [2010]), o princípio da realidade não deve ser visto como um rival ao princípio do prazer. Pelo contrário, este seria uma

continuação, o qual, visando preservar a satisfação pulsional não hesitará em adiá-la caso seja necessário. Para Jorge (1952 [2010], p. 11-12):

O princípio de realidade não é senão um emissário do princípio de prazer, emissário que, se quiséssemos fazer uma parábola, seria tal como a escolta de uma personalidade importante, enviada na frente para abrir o caminho e avaliar se as condições do ambiente e do tráfego favorecem o nobre viajante. E evidente que a escolta não deixa a personalidade importante prosseguir, caso algum perigo se anuncie. Nesse caso, recomenda que um acampamento seja montado e que a personalidade importante tenha paciência e aguarde, pois não se deseja que sua integridade corra qualquer espécie de risco. A personalidade importante - que é a pulsão - recua diante de uma realidade externa hostil e, ao acampar em lugar seguro, conquista uma satisfação imaginária, fantasística.

Pensando nesta passagem do princípio do prazer ao princípio de realidade, em termos de instâncias psíquicas, poderíamos dizer que o Isso obedece ao princípio do prazer, o Eu é o responsável pela execução do princípio da realidade e o Supereu internaliza parte do mundo externo.

Segundo Freud (1937-1939 [1996]), o Isso está excluído do mundo externo. Ele responde às modificações que ocorrem internamente, especialmente com relação às oscilações de tensão, as quais são vividas conscientemente como sensações de prazer-desprazer.

A partir de uma camada do Isso que, por ser adaptada à recepção e exclusão de estímulos, está em contato direto com o mundo externo, o Eu se desenvolve. Desta maneira, o Eu se tornará a instância responsável pela intermediação do mundo externo com o mundo interno. Estando em contato com a realidade externa, decidirá quando uma satisfação deverá ser alcançada ou adiada, ou, ainda, completamente suprimida (FREUD, 1937-1939 [1996]).

Cabe ressaltar que o Eu não será pressionado somente pela realidade externa, mas também pelo Isso. O mundo externo o ameaça de aniquilação

constantemente e o Isso lhe faz demasiadas exigências (FREUD, 1937-1939 [1996]).

O Isso não será o único que fará exigências ao Eu. Outra instância psíquica, que se desenvolve a partir da introjeção de parte do mundo externo, também o pressionará. Este será o Supereu (FREUD, 1937-1939 [1996]).

De acordo com Freud (1937-1939 [1996]), o Supereu internaliza funções que até então eram executadas por pessoas do mundo externo. Herdeiro do Complexo de Édipo, o Supereu desempenha um papel de mundo externo, mesmo sendo uma parte do mundo interno.

O Eu procura servir ao Isso, ao Supereu e à realidade externa. Como o esperado, seus esforços nunca serão suficientes. Para Freud (1937-1939 [1996], p. 217-218):

Seja o que for que o Eu faça em seus esforços de defesa, procure ele negar uma parte do mundo externo real ou busque rejeitar uma exigência pulsional oriunda do mundo interno, o seu sucesso nunca é completo e irrestrito. O resultado sempre reside em duas atitudes contrárias, das quais a derrotada, a mais fraca, não menos que a outra, conduz a complicações psíquicas.

No mesmo sentido do que foi dito acima, no texto *A Divisão do Eu no Processo de Defesa*, Freud (1940 [1996]) afirma que a tentativa de alcançar um consenso entre o princípio do prazer e o princípio da realidade (ou entre o Isso, o Eu, o Supereu e a realidade externa) faz com que ocorra uma divisão no Eu – incurável e que aumentará conforme o tempo.

Quando Freud (1937-1939 [1996]) fala em uma divisão no Eu, ele quer dizer que duas atitudes psíquicas se formam. Uma, a normal, levará em conta a realidade. A outra, sob a influência das pulsões, desligará o Eu da realidade.

Em consonância com os estudos de Freud, será possível perceber que este desligamento da realidade ocorre em todas as estruturas psíquicas. Apesar de não tratar sobre a perversão em *A perda da realidade na neurose e na psicose*, Freud (1924 [1996]) afirma neste texto que, ao contrário do que se possa imaginar, a relação com a realidade não é perturbada somente na psicose. Na neurose é possível observar que o indivíduo se afasta da realidade e, em casos mais graves, uma completa fuga do real.

Tanto a neurose quanto a psicose possuem dois momentos. Na neurose, em um primeiro momento, o Eu, a serviço da realidade, recalca a pulsão. Em um segundo momento, devido a uma falha no processo de recalque, processos de compensação serão iniciados por esta parte danificada, sendo estes processos os responsáveis pelo afrouxamento na relação do indivíduo com a realidade (FREUD, 1924 [1996]). De acordo com Azzi (2007), o retorno do recalcado, que se manifesta numa tentativa de organização da realidade mediante algum sentido simbólico e particular ao sujeito, pode ser considerado a essência da neurose.

Na psicose, em sua primeira etapa, o Eu é afastado da realidade. Posteriormente, há uma tentativa de reparar o dano causado e, para tanto, o indivíduo cria uma nova realidade (FREUD, 1924 [1996]).

Apesar de se diferenciarem quanto ao primeiro momento, neurose e psicose se assemelham em sua segunda etapa, quando o Isso demonstra que não se deixará levar totalmente pela realidade (FREUD, 1924 [1996]).

A obediência inicial da neurose à realidade é sucedida por uma espécie de fuga - uma fuga de um fragmento da realidade. Ao passo que, na psicose, a fuga inicial é sucedida por uma tentativa de remodelamento desta realidade (FREUD, 1924 [1996]).

É importante dizer que tanto a neurose quanto a psicose não são bem sucedidas em sua tentativa de reparação. A neurose não encontrará um substituto completo nem a psicose remodelará a realidade em uma forma satisfatória (FREUD, 1924 [1996]).

Além das semelhanças já apontadas, Freud (1924 [1996]) complementa que a neurose também se assemelha à psicose no que diz respeito a uma tentativa de substituir uma realidade desagradável por outra que esteja mais de acordo com seus desejos. Através de um mundo de fantasia, o indivíduo mantém parte de suas pulsões afastadas das exigências da realidade externa.

É deste mundo de fantasia que a neurose haure o material para suas novas construções de desejos e geralmente encontra esse material pelo caminho da regressão a um passado real satisfatório (FREUD, 1924 [1996], p.233).

Não menos importante que a neurose e a psicose, Freud também explicará como se dá a perda da realidade na perversão. Segundo Freud (1937-1939 [1997]), na perversão ocorre uma negação da realidade externa. Ao exemplificar com os fetichistas, Freud (1937-1939 [1997]) nos ensina que ocorre uma negação do feminino como representante da castração e, em seu lugar, há uma eleição de um objeto ou de uma parte do corpo que fará o papel do pênis faltoso.

Na perversão, a percepção da realidade externa é negada, mas, assim como na neurose e na psicose, a fuga da realidade não se dá de forma completa. A cisão do Eu faz com que, por um lado, neguem a percepção de que as mulheres são castradas, mas, por outro lado, reconhecem que as mulheres não possuem pênis e agem conforme a realidade (FREUD, 1937-1939 [1997]).

Partindo do princípio de que em todas as estruturas psíquicas há um afastamento da realidade e de que a realidade psíquica se difere da realidade

externa, deveríamos descartar o discurso do sujeito por este nunca retratar fielmente a realidade?

A resposta a esta pergunta claramente é não. Apesar de os conceitos serem diferentes, a realidade externa não se distancia tanto da realidade psíquica, uma vez que o material que constituirá a realidade psíquica estará intimamente relacionado com a realidade externa. Conforme Azzi (2007), este distanciamento entre a realidade psíquica e a realidade externa é de pouca importância para a psicanálise, pois a realidade psíquica é efeito da interação entre o sujeito e a realidade externa. A forma com a qual o sujeito se apresenta à realidade demonstra como ele se dirige ao Outro e como esta alteridade se apresenta a ele.

Além disto, cabe dizer que quanto mais o indivíduo entra em contato com a realidade externa, cada vez mais ele se afastará dela, tendo em vista que a constituição da realidade psíquica perpassa por uma perda de vínculo com o referente externo (AZZI, 2007).

Neste sentido, compreende-se que, quanto mais o indivíduo desenvolve sua subjetividade, mais ele estará longe da realidade externa. Ou seja, a realidade externa é aquela que, após se ter tido o contato com ela, nunca mais o contato será retomado, pois o próximo contato já será mediado pela realidade psíquica (já terá sido simbolizado). Logo, a realidade externa deve ser considerada como inapreensível.

Segundo Azzi (2007), a realidade externa é tida como fora significativa ¹e, por este motivo, é considerada como inatingível. Ela é considerada desta forma porque só pode ser representada através da realidade significativa.

¹ No sentido de que a realidade externa não pode ser simbolizada.

Levando em conta a inatingibilidade da realidade externa, então a necessidade de saber se um fenômeno é ou não verdadeiro deixa de ter importância. Na Carta 69 a Fliess, de 21 de setembro de 1897, Freud destaca que “no inconsciente, não há indicações da realidade, de modo que não se consegue distinguir entre a verdade e a ficção que é catexizada como afeto” (FREUD, 1897 [1996], p. 310).

Sobre a importância de um fenômeno corresponder à verdade, Lacan (1936 [1998], p. 83) afirma:

Importa-lhe apenas que esse fenômeno seja comunicável em alguma linguagem (condição da ordem mental), registrável de alguma forma (condição da ordem experimental) e que consiga inserir-se na cadeia das identificações simbólicas onde sua ciência unifica a diversidade de seu objeto próprio (condição da ordem racional).

Ao dizer isto, Lacan dá uma importância especial à fala do indivíduo, o que não é uma postura inovadora do autor. Conforme o próprio Lacan (1936 [1998]) discorre em seu texto, Freud revolucionou com a psicanálise ao dar importância ao testemunho do próprio sujeito. Dito de outra forma, após reconhecer que os fenômenos psíquicos, em grande parte, relacionam-se com uma função de relação social.

Para Freud não fazia diferença se um fenômeno correspondia fielmente à realidade. O discurso era valorizado pelo significado que o conteúdo tinha para o indivíduo, não por sua veracidade (FREUD, 1897 [1996]). No mesmo sentido, Lacan (1936 [1998]) observa que, por mais que o que seja dito, aparentemente, não tenha nenhum sentido, ele *contém* um sentido. Cabendo frisar que, a linguagem, antes de significar alguma coisa, significa para *alguém*.

De tudo o que foi dito, podemos, então, depreender algumas questões sobre a realidade virtual. Inicialmente, compreende-se que esta realidade não se

trata necessariamente de uma realidade. O fato de a internet se configurar como mais um espaço de interação social, não nos possibilita concluir que se trata de uma realidade nova.

Ademais, ainda que o virtual seja diferente do que conhecemos como realidade externa, como seria possível concluir que ao menos sabemos do que se trata a realidade externa (inatingível como tal)?

Segundo Wronski e Braga (2012), é errôneo considerar o virtual como um falseamento do real, tendo em mente que todo dizer é simbólico, independentemente do meio em que se encontram. De outra forma, Lacan (1959-1960 [1988], p.22) afirma: “o fictício, efetivamente, não é por essência o que é enganador, mas, propriamente falando, o que chamamos de simbólico”.

Partindo deste ponto de vista, podemos concluir que a realidade virtual se configura como um espaço onde diferentes realidades psíquicas se relacionam – onde diferentes cadeias significantes dialogam e produzem rapidamente novos sentidos e novas significações. O Eu continuará fazendo o intercâmbio entre a realidade externa e a realidade interna, assim como permanecerá sendo moldado pelas imagens advindas dos Outros.

Ainda que a imagem com a qual o sujeito se apresente não corresponda em nada à sua imagem de costume. Deve-se pensar em “o que esta imagem representa para o sujeito?” e em “qual o sentido que esta imagem contém?”.

Para aprofundar mais esta questão, faz-se necessário, portanto, explicar melhor a relação do sujeito com suas imagens, sendo esta a proposta do próximo Capítulo.

2 O IMAGINÁRIO NAS RELAÇÕES VIRTUAIS

As relações virtuais, por suas próprias características, estão permeadas por construções imaginárias. Não sendo possível, portando, falar sobre relações virtuais sem abordar esta temática.

O imaginário está no âmago de nosso desenvolvimento como sujeitos e dita bastante coisa sobre a forma como nos relacionamos. Conforme veremos, a constituição do Eu só é possível a partir de uma construção imaginária ou, indo um pouco mais longe, poder-se-ia dizer que o Eu é uma construção imaginária.

2.1 A constituição do Eu – Narcisismo e Estádio do Espelho

2.1.1 Narcisismo em Freud

A princípio, o termo narcisismo era utilizado para descrever um quadro perverso, no qual o indivíduo tomava o próprio Eu como um objeto sexual. Após algumas observações, Freud percebeu que atitudes narcisistas eram encontradas em várias pessoas – não necessariamente perversas. Isto o permitiu concluir que o narcisismo pode ser percebido em toda criatura viva e que se tratava de um “complemento libidinal do egoísmo da pulsão de autopreservação” (FREUD, 1914 [1996], p. 81).

Ou seja, o narcisismo se trata de uma fase pela qual todos nós passamos. Trata-se de uma etapa necessária para que o Eu seja desenvolvido, até

porque não podemos supor que o Eu já seja dado pronto e acabado. Segundo Freud (1914 [1996], p. 84):

Estamos destinados a supor que uma unidade comparável ao Eu não pode existir no indivíduo desde o começo; o Eu tem de ser desenvolvido. As pulsões auto-eróticas, contudo, ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao auto-erotismo - uma nova ação psíquica – a fim de provocar o narcisismo.

Como visto acima, as pulsões auto-eróticas se encontram no indivíduo desde o início. Assim, pode-se considerar que o auto-erotismo é uma prévia ao narcisismo. Ele se caracteriza pela possibilidade de o sujeito de se satisfazer através da excitação de uma zona erógena, sem a necessidade de outra pessoa. Importante notar, segundo Kleger (2006), que no auto-erotismo, apesar de a libido estar voltada para si, não há ainda um Eu constituído, há apenas um corpo fragmentado. Enquanto que no narcisismo há um Eu rudimentar, o que permite ao bebê tomar a si mesmo como objeto de amor.

Deste modo, a saída do auto-erotismo para o narcisismo implica dizer que seria necessário ao sujeito a constituição de uma imagem de si mesmo, de se perceber como um Eu, ainda que de forma rudimentar (o que será explicado melhor quando Lacan entrar em cena).

Ao se interessar por si mesmo, o bebê investe libidinalmente seu Eu num processo que denominaremos de narcisismo primário. Quando esta catexia é direcionada² para objetos externos, trata-se do narcisismo secundário (FREUD, 1914 [1996]). De acordo com Freud (1914 [1996], p. 95):

Dizemos que um ser humano tem originalmente dois objetos sexuais – ele próprio e a mulher que cuida dele – e ao fazê-lo estamos postulando a existência de um narcisismo primário em todos, o qual,

² Ao dizer que a catexia é direcionada para objetos externos, não quer dizer que o narcisismo primário deixa de existir, pois ele persiste e influenciará as catexias objetais.

em alguns casos, pode manifestar-se de forma dominante em sua escolha objetal.

Com esta simples colocação, Freud, como de costume, nos permite compreender várias coisas. A primeira, como já dito antes, é a que o narcisismo primário estaria presente em todos. Depois, podemos perceber que o primeiro objeto sexual costuma ser ligado às pessoas que estão preocupadas com as funções de autopreservação (alimentação, cuidados e proteção). Por fim, observa-se que o narcisismo primário pode se tornar a escolha objetal predominante.

Antes de nos adiantarmos para a questão da escolha objetal, é importante salientar o que faz com que o investimento libidinal do Eu seja voltado a objetos externos.

Sobre este assunto, Freud nos aponta dois caminhos diferentes, mas não contraditórios. Inicialmente, Freud (1914 [1996]) afirma que a necessidade de ultrapassar o limite do narcisismo e direcionar a libido a objetos externos surge quando a catexia do Eu com a libido excede certa quantidade e, como se sabe, um excesso de tensão gera desprazer.

De outra maneira, Freud (1914 [1996]) explica que o afastamento do narcisismo primário seria resultante do deslocamento da libido em direção a um Ideal do Eu imposto externamente, sendo a satisfação futura relacionada à realização desse Ideal³.

Ressalta-se que este distanciamento do narcisismo primário não implica dizer que ele será completamente abandonado. O desenvolvimento do Eu resultaria

³ A formação de um Ideal do Eu é um fator condicionante do recalque. A partir deste Ideal que o Eu real será medido (FREUD, 1914 [1996]).

de um afastamento do narcisismo primário e se constituiria como uma tentativa de recuperação desse estado.

Segundo Freud (1914 [1996]), o indivíduo não está disposto a abandonar o narcisismo primário - a renunciar a completude narcísica vivenciada na infância. Deste modo, ao crescer e se ver perturbado pelo julgamento crítico, procurará manter sua completude sob a forma de um Eu Ideal. Isto quer dizer que o narcisismo do indivíduo será direcionado a este Eu Ideal, o qual pode ser considerado um substituto para o narcisismo perdido da infância, onde ele era o seu próprio ideal. O Eu Ideal será o alvo do amor a si mesmo que, na infância, era desfrutado pelo Eu real.

Do que foi dito, apreende-se que o caminho mais comum a ser seguido seria o de o indivíduo buscar satisfação em seu próprio corpo de forma auto-erótica, mas ainda sem um Eu, sem a percepção de existir. Após, com uma imagem de si mesmo, investiria libinalmente em seu Eu. Estando, neste passo, vivendo um sentimento de completude e onipotência. Após, com um Ideal do Eu que lhe é imposto de fora e não suportando mais o desprazer ocasionado pelo demasiado investimento libidinal no Eu, o indivíduo se voltaria para objetos externos e passaria a medir a satisfação do seu Eu real pelo Ideal do Eu.

Seria mais simples se com todas as pessoas o processo funcionasse desta forma linear. Contudo, ao falarmos de ser humano, não podemos considerar que as coisas fossem ser assim. Freud (1914 [1996]) constatou que em algumas pessoas ocorre uma perturbação no desenvolvimento libidinal. Estas pessoas, em suas escolhas ulteriores de objetos amorosos, adotam a si mesmas como um objeto amoroso, e demonstram uma escolha objetual que pode ser denominada como narcisista.

A escolha do tipo narcisista significa que a pessoa pode amar a si mesma, o que ela já foi, o que ela gostaria de ser e alguém que foi uma vez parte dela mesma (FREUD, 1914 [1996]).

Embora postule sobre a escolha narcisista, Freud (1914 [1996]) não conclui que isto seja o suficiente para separar a humanidade em dois grupos diferenciados, o tipo anaclítico ou o narcisista. Ao contrário disto, considera que ambos os tipos de escolha objetal estão disponíveis para cada indivíduo, embora possa haver preferência por um ou outro.

2.1.2 Estádio do Espelho em Lacan

Assim como Freud, Lacan considera que o Eu se desenvolve e não é uma entidade pronta e acabada. Segundo Lacan (1949 [1998]), o Eu, antes de se relacionar com o outro e antes que a linguagem lhe conceda sua função de sujeito, ele se precipita numa forma primordial. Esta forma é dada quando a criança, ainda dependente de seus pais, assume de forma jubilatória sua imagem especular.

Para Ferrari e Alcântara (2004), este reconhecimento da própria imagem no espelho pela criança não ocorre sem que algumas coisas tenham ocorrido anteriormente. Antes mesmo de a criança ter nascido, os pais iniciam um trabalho para ceder o espaço necessário para que o bebê passe do estatuto de corpo para o de sujeito.

Ainda na barriga de sua mãe, o narcisismo dos pais iniciará a constituição da imagem que a criança se identificará no futuro. Podendo-se afirmar, inclusive, que o primeiro espelho com o qual o bebê se identificará será o rosto da mãe.

Ao observar o rosto da mãe, o bebê percebe a si próprio e, por sua vez, o que sua mãe percebe dele. O rosto da mãe funciona como um espelho e como um lugar a partir do qual ocorrem as primeiras experiências significativas com o mundo (FERRARI; ALCÂNTARA, 2004).

Neste sentido, o estágio do espelho se refere à maneira como a imagem do corpo próprio é concebida a partir da interação entre o sujeito e o outro, o que nos conduz a compreender o estágio do espelho como uma identificação, ou seja, quando o sujeito assume uma imagem (LACAN, 1949 [1998]).

O ato de assumir a imagem vista no espelho é aquilo o que Lacan considerará como o ato psíquico necessário para que o narcisismo seja provocado. Como foi visto ao explicarmos o narcisismo em Freud, o autor havia percebido que algo era essencial para que o sujeito passasse do auto-erotismo ao narcisismo. Para Lacan, trata-se do estágio do espelho.

Segundo Greco (2011), a criança se antecipa numa unidade a partir da imagem do próprio corpo vista no espelho, na qual ela se alienará virtualmente. A visão de seu corpo faz com que a criança se rejubile com sua imagem. Por sua vez, este júbilo a impulsionará a procurar no olhar do outro a confirmação daquilo o que lhe traz alegria no espelho, o que, posteriormente, passará a ser admirado por ela como seu Eu Ideal.

O Eu Ideal é a forma que será a fonte de todas as identificações secundárias responsáveis pela função de normalização libidinal e que representa o caráter estático e permanente do Eu, "(...) a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que vai marcar com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental" (LACAN, 1949 [1998], p. 97).

Conforme Ferrari; Alcântara (2004), o reconhecimento do próprio corpo implica na perda da onipotência vivenciada até o momento pela criança. A priori, o reconhecimento do corpo lhe permite sentir-se como todos e como tudo. Posteriormente, o seu corpo refletido no espelho lhe restringe a esta imagem que ficará amarrada ao seu Eu para sempre.

Deste modo, no estágio do espelho ganha-se e perde-se algo. Ao ganhar uma imagem à qual se identificar, o indivíduo perde a possibilidade de ser tudo. Segundo Nasio (2009), para nos sentirmos nós mesmos e nos consolidarmos como Eu, somos obrigados a afastar nossa imagem da do nosso semelhante. Entretanto, diante nosso semelhante, ficamos tranquilizados por nos vermos humanos como eles.

De acordo com Greco (2011), o estágio do espelho nos introduz a utilização da letra *a*, utilizada neste momento para diferenciar o Eu e o objeto, este último considerado como seu semelhante. Sendo assim, a partir do reconhecimento da imagem oriunda do espelho – de sua visão ortopédica - a criança percebe-se diferente e semelhante ao outro. Para Lacan (1955 [1985]), o sujeito só pode se perceber como completo por intermédio do semelhante que o sujeito vê diante de si.

Nessa relação inaugural com o Outro, o homem investe o objeto por meio de sua imagem especular, e essa miragem de totalidade lhe dá uma forma ortopédica ao corpo próprio, numa espécie de precipitado da forma do seu corpo que se adianta à sua prematuração biológica (GRECO, 2011, p.4).

Indo um pouco mais além, poder-se-ia dizer que o estágio do espelho é o precursor da relação de alienação do sujeito ao Outro. Assim, o Eu apreendido pelo sujeito enquanto seu Eu estará relacionado ao espelho que o Outro lhe reflete.

É possível compreender, desta forma, que o estágio do espelho tem a função de estabelecer uma ligação entre o organismo com sua realidade. Ou seja,

entre mundo interior (Innenwelt) com o ambiente externo (Umwelt). Segundo Lacan (1949 [1998], p. 100):

O estágio do espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação – e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica – e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental. Assim, o rompimento do círculo do Innenwelt para o Umwelt gera a quadratura inesgotável dos arrolamentos do Eu.

Sendo assim, pode-se afirmar que o Eu Ideal encontra-se no nível imaginário e é uma formação narcísica. Após a repressão, o Eu Ideal será o alvo a ser alcançado pelo Ideal do Eu - estrutura simbólica que comandará o contato do indivíduo com os outros (FERRARI; ALCÂNTARA, 2004).

No texto *Introdução do Grande Outro*, Lacan (1964 [1985]) considera o Eu como uma construção imaginária. Enquanto isso, o Outro (dimensão remetida ao simbólico e à linguagem) insere o sujeito em seus sistemas significantes e organiza a imagem que lhe foi apresentada.

Segundo Lacan (1964 [1985]), o Outro é o lugar onde se situa a cadeia do significante, a qual é responsável por tudo o que dá significação ao sujeito. Antes que o sujeito advenha, é importante notar que ele depende do significante, o qual, por sua vez, estará situado no campo do Outro.

O Eu não existe sem o símbolo ou, dito de outra forma, sem uma referência ao Outro. Conforme Lacan (1964 [1985], p. 197):

O significante produzindo-se no campo do Outro faz surgir o sujeito de sua significação. Mas ele só funciona como significante reduzindo o sujeito em instância a não ser mais do que um significante, petrificando-o pelo mesmo movimento com que o chama a funcionar, a falar, como sujeito.

Ao simbolizar a realidade externa, o sujeito dá significação à sua existência, pela via significante, mas, ao mesmo tempo, ao falar de si mesmo, reduz o sujeito a algo nada mais do que um significante (LACAN, 1964 [1985]).

Brauer (1994) compreende que a entrada do sujeito no campo da linguagem faz com que o Eu tome para si uma falsa realidade, ou seja, uma realidade afastada pelo muro da linguagem. Para o autor, o Eu, o outro, o semelhante, todos seriam imaginários – objetos constituídos e denominados pela linguagem.

Neste ínterim, ao fazer o uso da linguagem, estamos numa relação de ambiguidade, pois, ao mesmo tempo em que nos fundamentamos no Outro⁴, ela nos impede radicalmente de entendê-lo (BRAUER, 1994).

O véu da alienação recobre o indivíduo de forma forçada, no sentido de que, independentemente da escolha tomada, o resultado será sempre “nem um, nem outro”. Lacan (1964 [1985]) exemplifica isto com a seguinte frase: “A bolsa ou a vida!”. Se a escolha for pela bolsa, perdem-se ambas. Se a escolha for pela vida, haverá uma vida sem a bolsa.

De forma simples, Bruder e Brauer (2007) explicam que o lugar de Outro ocupado primeiramente pela função materna oferece à criança significantes aos quais se identificar. Neste jogo, caberá à criança escolher entre o ser e o sentido. Ao escolher pelo ser, perde-se o sentido. Escolhendo o sentido, perde-se o ser e a afânise - o desaparecimento do sujeito - acontece.

⁴ O Outro é o tesouro dos significantes. Inacessível pelo muro da linguagem (LACAN, 1964 [1985]).

Ao final do estágio do espelho, o sujeito se vê de uma forma imperfeita, devido ao próprio caráter inacabado da imagem especular – a qual é imaginária e ilusória. O sujeito não sabe o que diz, pois não sabe o que é (LACAN, 1955 [1985]).

2.2 O narcisismo nas relações virtuais

Ao estudar sobre o narcisismo, conclui-se que o Eu é uma construção imaginária. O sujeito não se percebe como realmente é, mas sim pelo o que lhe foi dado pelo espelho, pelo Outro, ou seja, pelo simbólico. Assim sendo, quando o Eu é desenvolvido, o indivíduo escolhe pelo sentido e se coloca distante da realidade externa. Passa a perceber o mundo através da realidade psíquica, ou seja, uma realidade perpassada por uma construção imaginária, e afasta-se para sempre da realidade externa e material.

Dentre outras coisas, é possível apreender duas questões acerca do narcisismo em Freud e em Lacan. A primeira se refere ao júbilo da criança por sua imagem, por seu Eu Ideal. A segunda nos remete ao trauma quando esta percebe a distância existente entre a sua imagem e o que realmente é sua pessoa, ou, dito de outra forma, se refere à busca incessante do Ideal do Eu pela imagem perdida na infância.

Segundo Nasio (2009), este trauma infantil será o responsável por fazer a criança esquecer suas imagens inconscientes do corpo para privilegiar as imagens “lisonjeadoras do parecer”. Isto é, a criança, ao perceber que sua imagem não é aquela imagem refletida no espelho, percebe que as pessoas só a conhecem pelo o que ela demonstra ser, o que a faz dar mais importância às aparências e não às

suas sensações internas. Para o autor, a decepção faz com que a pessoa utilize sua imagem especular a favor de seu narcisismo. Uma importância maior é dada ao corpo visto e não ao corpo vivido.

É possível compreender que os indivíduos recorrem ao mundo virtual numa tentativa de reviver a completude narcísica (LAGO, 2009). Falando de outra forma, o indivíduo se voltaria à realidade virtual numa tentativa de retornar ao período no qual ele era o Eu Ideal. Período este onde havia a completude e a falta ainda não fora instalada.

Dito de outra maneira, o universo virtual possibilitaria um reencontro com os ideais infantis. Envolto pelas facilidades de comunicação, o sujeito se encontraria facilmente preso às armadilhas da fascinação e sucumbiria à crença de vivenciar uma liberdade sem controle (ALBARRACIN, 2006).

O mundo virtual funcionaria, portanto, como um espaço no qual o indivíduo lidaria com imagens virtuais almejando concretizar um ideal interiorizado. Para Gevertz (2002, p.270):

Na realidade virtual, uma pessoa pode se apresentar tal como gostaria de ser e também pode ser como imagina que o "outro" desejaria que fosse. Da mesma forma, o outro também pode existir conforme é cobiçado. A realidade virtual pode se tornar, assim, uma dimensão onde estão projetados todos os desejos e busca de satisfação do ser humano, com a qual ele se relaciona e se identifica(...).

Segundo Albarracin (2006), a internet simboliza o espelho do que nós somos ou do que poderíamos ser. Em outra mão, também nos fornece a imagem de um outro idealizado.

Lago (2009) considera que o indivíduo, ao se inserir no *cyberespaço*, confunde o mundo virtual e emocional, passando a acreditar na possibilidade de viver narcisicamente conforme seus desejos.

Talvez seja possível dizer que confundir a virtualidade e a realidade seja uma forma de atingir a satisfação buscada pelo princípio do prazer, uma vez que, ao iludir o mundo emocional, o indivíduo buscaria esquivar-se do desprazer do viver humano e passaria a encontrar, na realidade virtual, o mundo ideal ficcional (GEVERTZ, 2002).

Desta forma, o uso compulsivo da realidade virtual demonstraria uma fragilidade narcísica, a qual seria compensada pela idealização do Eu e do Outro – os quais podem ser entendidos como um prolongamento do próprio sujeito (ALBARRACIN, 2006).

De acordo com Viganò (2009), o *cyberespaço* é colocado em ato pelo Outro que não existe - um Outro idealizado - o que faria a relação entre o sujeito e o Outro demonstrar certa rigidez imaginária. Para o autor, esta rigidez é responsável pela imagem narcísica não ser interrogada através do véu da fantasia, sendo este um dos principais motivos pelos quais a imagem formada universo virtual se mantenha.

Outro motivo possível, para Albarracin (2006), estaria relacionado ao afastamento, pelo indivíduo, do corpo e das tensões pulsionais. Tais ações o protegeriam de riscos psíquicos e físicos do ato de relacionar-se, o que, por sua vez, tornaria este ato cada vez mais escasso numa tentativa de perpetuar o Ideal construído. Para Viganò (2009, p.249):

Se a experiência do espelho leva o sujeito a encontrar o corpo no espaço virtual como Eu Ideal, toda essa fileira poderá vir economizada na medida na qual andarei a moldar o vaso do meu corpo em um espaço virtual pré-formado pelo artifício tecnológico, no qual entro em pagamento, sem extrair a libra de carne do meu corpo.

Nasio (2009) ratifica o que diz Viganó acerca da possibilidade de o corpo ser moldado no espaço virtual. Para o autor, não percebemos nosso corpo como ele

é, mas como o imaginamos. Percebermos o corpo como fantasia, ou seja, envolto em nossos sentimentos, reavivado na memória, submetido ao julgamento do Outro e percebido através da imagem que já possuímos dele. Segundo Nasio (2009, p. 54-55):

Eu considero a imagem do corpo a própria substância do nosso Eu. Não somos nosso corpo em carne e osso, somos o que sentimos e vemos de nosso corpo: sou o corpo que sinto e o corpo que vejo. Nosso Eu é a ideia íntima que forjamos do nosso corpo, isto é, a representação mental de nossas sensações corporais, representação mutante e incessantemente influenciada por nossa imagem no espelho.

Ainda sobre a relação entre o narcisismo e as relações virtuais, é importante salientar que na dinâmica narcísica da rede as pessoas vislumbram suas próprias imagens e são “cativas” do olhar do outro – precisam desta aprovação do outro (BELLO; ROCHA, 2012). Para Lacan (1955 [1985]), quando se trata de ser humano, a relação de estar satisfeito com a satisfação do outro sempre estará presente.

A promoção do Eu, com o objetivo de alcançar o olhar do outro, nos remete ao desejo de ser objeto de desejo do outro, ou seja, à necessidade de ser reconhecido, amado, por este outro (BELLO; ROCHA, 2012). De acordo com Nasio (2009, p. 17), o ser humano é aquele que tem “uma vontade irreduzível, uma necessidade imperiosa de comunicar-se com outro ser humano (...). O desejo do homem é o desejo de se comunicar com o outro”.

Neste ínterim, a interação virtual permite que o Eu se faça visível para que o outro possa reconhecê-lo e validá-lo como alguém (BELLO; ROCHA, 2012). O autor Burgarelli (2003, p. 109) considera que:

[...] o sujeito, embora seja destinado à coisa, só pode percorrer este caminho através da passagem pelo Outro, enquanto Outro é marcado pelo significante. A pulsão se define, então, como um vazio

incluído no coração da demanda, a qual será ocupada por um sujeito/outro.

Importante deixar claro que Lacan (1955 [1985]) distingue dois outros – um com o “A⁵” maiúsculo e outro com “a” minúsculo. O “a” se trata do eu, ou mais exatamente sua imagem, ao passo que o “A” é aquele a quem se trata na função da fala.

A partir do pensamento acima, Lacan (1955 [1985]) nos explica que a fala se ampara na existência do Outro, o verdadeiro, aquele que não conhecemos, ao passo que a linguagem é feita para nos remetermos ao outro com o qual podemos fazer o que queremos, inclusive tratá-la como objeto.

Assim, trazendo estes conceitos para o estudo, poder-se-ia dizer que a relação entre o sujeito e a realidade virtual é norteadada pelo Outro, enquanto cerne da cadeia significante. O Outro será o responsável pelas imagens a serem tomadas pelo indivíduo. Quando o indivíduo fala através da rede virtual, pode-se dizer que sua fala se dirige ao Outro, ainda que não saiba a que Outro se remete. Em outra via, a linguagem utilizada pelo indivíduo nos remete ao seu Eu, à imagem à qual ele se identificou. Para Lacan (1955 [1985], p. 308):

Quando o sujeito fala com seus semelhantes, fala na linguagem comum, que considera os Eus imaginários como coisas não unicamente existentes, porém reais. Por não poder saber o que se acha no campo em que o diálogo concreto se dá, ele lida com um certo número de personagens, a', a". Na medida em que o sujeito se põe em relação com sua própria imagem, aqueles com quem fala são também aqueles com quem se identifica (LACAN, 1955 [1985], p. 308).

Segundo Nasio (2009), a imagem que temos de nós mesmos é deformada por nossos sentimentos conscientes e inconscientes, pelas marcas do passado e pela presença do Outro em nós, de todos os Outros que carregamos.

⁵ Utilizei a letra A, pois em francês a palavra Outro se diz Autre.

Diante desta problemática, Lacan (1955 [1985]) denota a importância de o indivíduo descobrir aos poucos a que Outro ele realmente se endereça, apesar de não sabê-lo, e de ele perceber, conforme o caso, as relações de transferência no lugar onde está, e onde, de início, não sabia que estava.

CONCLUSÃO

O presente estudo objetivava compreender a dinâmica psíquica responsável por fazer uma pessoa investir libidinalmente mais em uma imagem virtual do que em sua imagem real. Para tanto, foi necessário percorrer um longo caminho.

Inicialmente foi desmitificada a noção de que a realidade virtual se trata de uma realidade totalmente diferente da realidade *per si*. Observou-se que na realidade virtual as pessoas têm mais facilidade de atualizar suas identidades, o que não quer dizer que deixam sua história psíquica para trás.

Neste sentido, o conceito de realidade para a psicanálise nos auxilia no entendimento dos motivos pelos quais isto ocorre, ou seja, a razão pela qual não lidamos com sujeitos totalmente diferentes daqueles que encontramos no dia-a-dia.

A realidade material não é apreensível a nenhum indivíduo, o que significa que a todo o momento estamos lidando com a realidade psíquica, independentemente do ambiente em questão. Isto porque a realidade material, a partir do momento em que o indivíduo é inserido na linguagem, torna-se inatingível.

Ao ser inserido na linguagem, o indivíduo só pode utilizar-se da linguagem para descrever a realidade. Deste modo, a realidade sempre será interpretada sob o véu da identificação trazido pelo narcisismo.

Assim, o narcisismo, momento através do qual a criança se identifica a uma imagem, passa a ser de grande importância para este trabalho, pois será através do narcisismo que a imagem virtual poderá ser estudada.

No narcisismo, o bebê, ainda voltado para suas sensações corporais, poderá, a partir do contato com o Outro materno, reconhecer-se e identificar-se a

uma imagem. O que quer dizer que somente é possível ser Eu na presença de um Outro.

Deste modo, o Eu é desenvolvido mediante o reflexo advindo deste Outro, o qual fornecerá ao Eu significantes aos quais se identificar. Ao entrar na realidade pela via significativa, o indivíduo permanecerá para sempre afastado desta mesma realidade - a material.

Partindo deste princípio, compreende que, ao observar-se no espelho, o bebê se enxerga como o Eu Ideal e se regozija com a imagem que observa, após a repressão, o Eu Ideal será o alvo a ser alcançado pelo Ideal do Eu.

O uso compulsivo da realidade virtual poderia denotar esta busca incessante ao momento onde a completude imperava, ou seja, um retorno ao período no qual a criança era o Eu Ideal e a falta ainda não estava presente.

Através da rede virtual, o indivíduo buscaria retornar à completude. Pelas próprias facilidades da internet, a pessoa transformaria seu Eu virtual em seu Eu real. Para Gevertz (2002), não há mais o interesse de se representar o real com imagens, mas de sintetizá-lo em sua complexidade, ou seja, o indivíduo, no ciberespaço, busca sintetizar todos os seus ideais em seu real virtual. A fantasia sairia do campo da realização imaginária e se consolidaria neste Eu virtual.

Isto quer dizer que no mundo virtual as pessoas procurariam uma forma de lidar com o sofrimento advindo das barreiras da castração. Os próprios limites oriundos do corpo pulsional estariam mais fluídos, devido ao caráter único das relações virtuais.

Além do mais, busca-se através da virtualidade uma forma de alcançar o reconhecimento do outro. Salientando-se que, apesar de esta frase aparentar ser

bastante simples, ela nos demonstra várias coisas a respeito do objetivo deste estudo.

Quando se fala em reconhecimento do outro em Freud e em Lacan, estamos nos direcionando ao entendimento de que o ser humano sempre depende da imagem que o Outro lhe fornece.

O ser humano possui uma vontade imperiosa de se comunicar com seu semelhante, tanto que seu próprio desenvolvimento enquanto Eu depende deste último.

A visão refletida pelo olhar do Outro nos é constituinte. Reconheço-me através do Outro e ele me devolve uma visão de um corpo completo e não fragmentado. O que somos está amarrado à imagem do Outro que nos observa. Deste modo, estaremos sempre buscando no olhar do Outro o reconhecimento daquilo que somos. Procuraremos no Outro o olhar que nos devolva nossa completude.

O discurso do indivíduo se endereça a este Outro, o qual ele também desconhece. Cabendo às pessoas descobrir a que Outro seu discurso realmente se endereça para que possam reconhecer o que reside no coração de suas demandas.

Portanto, tendo em vista o que foi estudado, pode-se dizer o objetivo deste estudo foi alcançado. Através deste percurso, foi possível observar como as facilidades da realidade virtual fornecem ao indivíduo motivos para manter-se cativo de uma imagem virtual.

REFERÊNCIAS

- AIELLO-VAISBERG, T.M.J. et al. **Estudos das condições psicodinâmicas de filhos de pacientes psiquiátricos através do uso do Procedimento de Desenhos-Estórias**. Resumos do III Congresso Interno IPUSP, p. 93. São Paulo, 1995.
- ALBARRACIN, D. L'Addiction Virtuelle. **Champ psychosomatique**, v. 3, n. 43, p. 75-81. Paris, 2006.
- AZZI, I.C.S. Realidade: uma razão que não se explica, mas se crê. **Ágora**, v. 10, n. 2, p. 245-263. São Paulo, 2007.
- BAUMAN, Z. **Amor Líquido** – Sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BELLO, C.D.; ROCHA, D.C. **A projeção do sujeito como objeto de desejo e de consumo nas redes sociais digitais**. II Seminário Internacional de Pesquisa: Consumo – Afetividades e Vínculos – A cidade, o lugar, o produto. São Paulo: 2012.
- BERTOLINE, E.R. et al. **O homem desbussolado**. In: Corpo de Formação de Psicanálise. São Paulo: 2007.
- BRAUER, J.F. O Outro em Lacan: consequências clínicas. **Psicologia USP**, v. 5, p. 309-333. São Paulo, 1994.
- BRUDER, M.C.R.; BRAUER, J.F. A constituição do sujeito na psicanálise lacaniana: impasses na separação. **Psicologia em Estudo**, v. 12, n. 13, p. 513-521. Maringá, 2007.
- BURGARELLI, C.G. **Escrita e corpo pulsional**. Tese (Doutor em Linguística) - Curso de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2003.
- FERRARI, A.G.; ALCÂNTARA, J.V.N. Estádio do espelho, identificação e constituição subjetiva: algumas considerações. **Pulsional**, ano 17, n. 178, p. 7-14, 2004.
- FERREIRA-LEMO, P.P. Navegar é fantasiar: relações virtuais e psicanálise. **Psico**, v. 42, n. 1, p. 59-66, 2011.
- FREUD, S. (1897 [1996]). **Extratos dos documentos dirigidos à Fliess**. In: Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1911 [1996]). **Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental**. In: Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1914 [1996]). **Sobre o narcisismo**: uma introdução. In: Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1920 [1996]). **Além do princípio do prazer**. In: Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1924 [1996]). **A perda da realidade na neurose e na psicose**. In: Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1937-1939 [1996]). **O aparelho psíquico e o mundo externo**. In: Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1940 [1996]). **A divisão do Ego no processo de defesa**. In: Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GEVERTZ, S. Navegar é preciso. **Ide**, v.32, n. 48, p. 178-187, 2009.

GRECO, M. Os espelhos de Lacan. **Opção Lacaniana online nova série**, n. 6, p. 1-13, nov. 2011.

JORGE, M.A.C. (1952 [2010]). **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

KLEGER, P. **As patologias do narcisismo e a clínica psicanalítica**: novas configurações subjetivas na contemporaneidade. Trabalho de conclusão de curso - Programa de Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2006.

LACAN, J. (1936 [1998]). **Para além do Princípio de realidade**. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. (1949 [1998]). **O estágio do espelho como formador da função do Eu – Tal como nos é revelada na experiência psicanalítica**. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. (1955 [1985]). **Introdução do Grande Outro**. In: O seminário livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

_____. (1959-1960 [1988]). **A ética da psicanálise**. In: O seminário livro 7: A ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1950-1960.

_____. (1964 [1985]). **O sujeito e o Outro (I) A alienação**. In: O seminário livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

- LAGO, G.C.P. **Conectividade**: um estudo sobre o amor pós-moderno. 2009. 90 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Minas Gerais, 2009.
- LANZARIN, C.C. A fantasia e o baile de máscaras do final do milênio. **Psicologia Ciência e Profissão**, v.20, n. 3, p. 28-33, 2000.
- LÉVY, P. (1995 [2011]) **O que é o virtual?**. São Paulo: Editora 34, 2011.
- NASIO, J.-D. **Meu corpo e suas imagens**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009,
- OTERO, C. **Psicanálise e Comunicação. A internet e a reinvenção de si**. In: Congresso Nacional de Psicanálise da UFC. VI. Mareiro Hotel. Fortaleza: 2011.
- OTERO, C.; FUCKS, B.B. A internet e a reinvenção de si. **Polêmica**, v. 11, n. 2, p. 193-211, 2012.
- PEREIRA, J.C.M.; COELHO, S. **Relações sociais virtuais**: uma leitura psicanalítica. Disponível em: <<http://www.pergamum.univale.br/>>. Acesso em: 1 ago. 2012.
- TURKLE, S. **Alone Together. Why We Expect More From Technology and Less From Each Other**. New York: Basic Books, 2011. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books>>. Acesso em: 1 ago. 2012.
- VIGANÒ, C. Realidade virtual e realidade sexual. **A peste**, v. 1, n. 2, p. 245-251. São Paulo: 2009.
- WRONSKI, A. V.; BRAGA, S. **Eu-Outro**: o processo de enunciação presente nas auto-apresentações de sites de relacionamento. Disponível em: <<http://www.jornadaadci.ufscar.br/pdfs/ebook/11.pdf>>. Acesso em: 12 maio 2012.